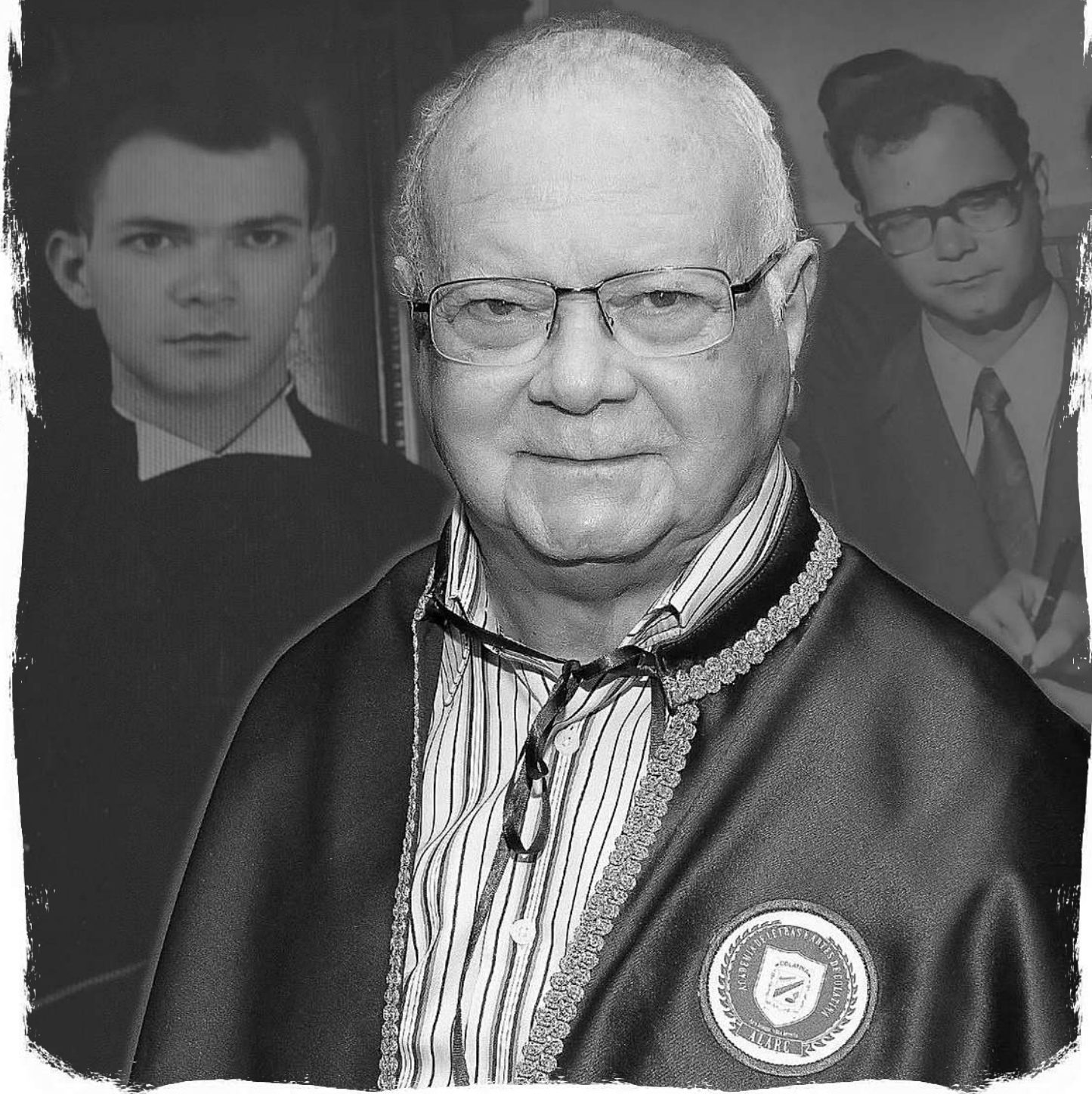


OLNEY BRAGA

descontraindo a língua



entrevista com um histórico professor colatinense
feita por M. I. de C. Soares, S. S. Zanotelli e Z. C. Dionísio
+ depoimentos de alun@s e fotografias



OLNEY BRAGA

descontraindo a língua

Entrevistadoras

Maria Isolina de Castro Soares

Suely Selvátici Zanotelli

Ziã Clarice Dionísio

Edição e Design

Ziã Clarice Dionísio

Mecenas

Antonio A. Bermond, M. Isolina de C. Soares,
Pedro H. Passamani e Suely Selvátici Zanotelli

Colatina, ES, Brasil 13 de fevereiro de 2025

Tropicalversos.com

"Existem pessoas raras,
sentimentos nobres
e almas puras.

Ainda há sorrisos sinceros,
palavras que cicatrizam.

Existe quem ama
sem falar em amor...

Ah, existe sim."

— Mário Quintana

Poesia escolhida

por Suely S. Zanotelli

como dedicatória ao Olney



Porta retrato da casa de Olney
com fotos da família, incluindo esposa,
os filhos Leonardo, Olney Junior e Ricardo
(o filho Rafael, temporão, não está nas fotos)

depoimento de OLNEY BRAGA JR.

É merecida a homenagem a Olney Braga, meu pai, nesta zine, primeiramente por se tratar de uma pessoa boníssima, de coração tão bom, capaz de acolher grande quantidade de amigos. Ademais, pelo fato de ser zeloso guardião das regras vigentes de nossa Língua Portuguesa, patrimônio este que nos une diante do mundo. Felizes dos que o procuram para sanarem as dúvidas deles.

Sou um felizardo de ouvi-lo contar sobre os livros que está fazendo à medida que vai escrevendo. Ele estuda a fundo os objetos de suas obras, mas faz parecer que a escrita surge naturalmente, o que não deixa de ser verdade.

Quando meu pai era mais novo, ele tinha uma voz de tenor considerável. Nas confraternizações na faculdade, ele improvisava as canções com quem estava tocando no dia e era um sucesso. Eu era bem novo mas me lembro bastante daquela música do Roberto Carlos, "Nossa Canção", dentre outras, mas essa ficou marcada...

Ser filho dele é uma alegria, pois é um excelente pai, e principalmente amigo, muito compreensivo. Ele é uma inspiração pra mim, e espero algum dia, do meu próprio modo, ser tão bom quanto ele.



Dulce Augusta (amiga de infância de Olney),
Maria Isolina de Castro Soares (filha de Dulce)
e Olney Braga, em 2019, no lançamento
do seu livro "Dicas de Portugêês"



Izolina, mãe de Olney,
conhecida como dona Filhinha

depoimento de M. ISOLINA DE C. SOARES

Muitas vezes tenho a sensação de que sempre conheci o Olney, assim mesmo, o Olney, num tratamento tão íntimo como se tivéssemos sido criados juntos.

Essa sensação é fruto das memórias de minha mãe, Dulce Augusta, como ele sempre a chama. Eles, sim, foram vizinhos no bairro Santa Cecília, que minha mãe ainda chama de Morro Santa Cecília. Foi lá que ela passou a infância e a adolescência, saindo só quando se casou; é lá que Olney vive desde sempre, tendo permanecido nesse tão amado cantinho de Colatina desde que nasceu.

Meus avós, com seus 11 filhos, eram vizinhos da família do Olney. Dona Izolina e dona Izolina. Isso mesmo, as mães se chamavam Izolina. A mãe do Olney era chamada de Dona Filhinha; minha avó, de Dona Izolina.

As casas não tinham muro, e o terreno dos fundos da casa de minha mãe dava para o quintal da casa do Olney. Todas as noites, lá pelas 9 e meia, ele ouvia aquele pedido contínuo de bênçãos, quase infindável: bença, pai; bença, mãe, pois era hora de dormir e o pedido de bênçãos era sagrado.

Minha mãe era um pouco mais velha, nascera em 1933; Olney, em 1937. Diferença pouca para dois seres amantes da música. Os dois soltavam a voz em suas respectivas varandas e se deleitavam com suas performances afinadas.

Mamãe se lembra especialmente de uma música que Olney gostava muito de cantar, Alma Llanera, composição de Pedro Elías Gutierrez celebrizada na voz de Gregorio Barrios, cantor argentino que se lançou ao sucesso em 1938:

Yo nací en esta ríbera
Del arauca vibrador.
Soy hermano de la espuma,
De las garzas, de las rosas.
Soy hermano de la espuma,
De las garzas, de las rosas,
Y del sol, y del sol.

Me arrulló la viva diana
De la brisa en el palmar,
Y por eso tengo el alma,
Como el alma primorosa.
Y por eso tengo el alma,
Como el alma primorosa,
Del cristal, del cristal.

Amo, sueño, canto, río
Con claveles de pasión,
Con claveles de pasión.
Para ornar las rubias crines
Para ornar las rubias crines
Del potro de mi amador.

Yo nací en esta ribera
Del arauca vibrador.
Soy hermano de la espuma
De las garzas, de las rosas,
Y del sol, y del sol.

Desde que conocí Olney pessoalmente, a partir de meu retorno a Colatina, em dezembro de 1980, a sensação de sempre tê-lo conhecido foi sedimentada por conversas e, mais do que isso, pela convivência fraternal com que Olney sempre me tratou.

Suas memórias a respeito de minha família reforçaram o elo afetivo entre nós dois, um sempre preocupado com o outro, sempre um procurando saber como o outro está passando, contando as novidades, tirando dúvidas.

Em suas incursões pelo Facebook, inúmeras vezes esse meu amigo declarou-se fã ardoroso de meu avô materno, Dr. Luiz Moreira de Araújo, Promotor Público em Colatina de 1938 a 1951, quando foi transferido para Vitória.

Olney diz que, ainda muito novo, com 13/14 anos, não perdia uma sessão de julgamento pelo júri, assim como não a perdiam dezenas de aficionados pelo belíssimo desempenho do promotor, que considerava sempre um espetáculo à parte.

Também pelas artes do Facebook, Olney manteve contato com uma irmã de minha mãe, que há muitos anos mora em Itabuna, Bahia. Por ela, ficou conhecendo a veia poética de meu avô, excelente poeta de verve parnasiana e competente trovador. Fez questão, ao receber os poemas, de publicá-los em sua página do Facebook, estreitando ainda mais os laços que unem nossas famílias.

Nossas vidas, assim, de inúmeras maneiras se cruzaram, culminando com a profissão de professor, que ambos exercemos com grande paixão. Se tenho uma dúvida, a quem recorro? Se Olney tem uma questão especial, sou toda ouvidos. Construímos uma amizade sólida que queria deixar expressa neste depoimento, agradecendo à vida por me ter dado um amigo com o qual posso sempre contar. Obrigada, Olney.



Olney Braga em 1959
(foto do álbum de formatura em Direito)



Olney Braga, já no século XXI

entrevista com OLNEY BRAGA

Perguntas feitas por
Maria Isolina de Castro Soares,
Suely Selvátici Zanotelli
e Zião Clarice Dionísio,
no verão de 2025.

Olney, sabemos que você dispensa apresentação para grande parte do colatinenses. Há, no entanto, leitores jovens que não o conhecem. Poderia fazer uma breve apresentação para esses leitores?

Caros jovens leitores, chamo-me Olney Braga, tenho 88 anos, sou bancário aposentado, escritor e ex-professor, tendo, até hoje publicado 5 livros, dois dos quais dedicados à Língua Portuguesa.

Cursei o ensino fundamental no colégio Aristides Freire e no Conde de Linhares; e o ensino médio, também no Conde. Cursei o Técnico em Contabilidade, na Escola Técnica de Comércio, de Colatina.

Fiz os seguintes cursos superiores: Letras (Inglês / Francês / Português), Administração e Direito.

Além do escritor,
eu gostaria de saber sobre o homem.
O que levou o homem Olney
a se tornar escritor?

O homem e o escritor sempre estiveram entrelaçados. Por isso, procuro levar, para os meus escritos, as experiências que adquiri ao longo da vida.

Em verdade, as pessoas sempre me perguntavam a razão pela qual, sendo eu um professor que ensinava como produzir textos, até então não havia escrito um livro sequer.

Meditei e concluí que os meus escritos iniciais devessem estar voltados à minha experiência em sala de aula.

Daí, surgiu o primeiro livro: Vivências de um caminhante (2007). A esse seguiram-se mais cinco, dois dos quais dedicados à língua portuguesa: Nossa língua: curiosidades, desafios e armadilhas (2010) e Dicas de Português (2019).

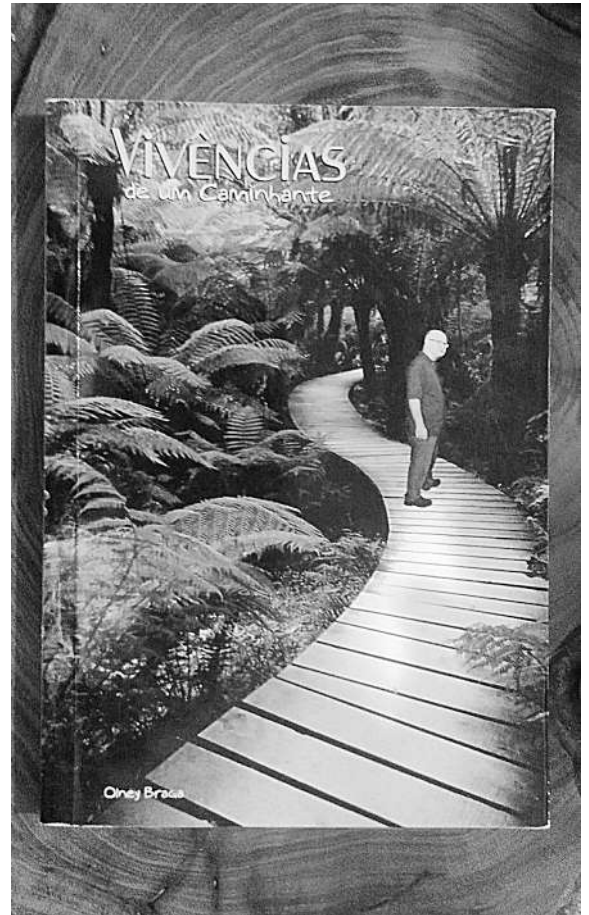
Em seguida, vieram: Colatina, ontem, hoje e sempre, no meu coração (2021), Trocadilhos: uma homenagem a Emílio de Meneses (2023) e A saga da família Bernard (ainda a ser publicado).

Pode nos contar mais sobre esses livros e onde foram publicados?

Como já mencionei, a primeira obra ("**Vivências de um caminhante**") nasceu do interesse das pessoas sobre o fato de eu não ter produzido obra alguma, sendo eu professor da disciplina Leitura e Produção de Textos.

Lembrei-me, então, da minha experiência em sala de aula e o primeiro livro surgiu, publicado em 1º de setembro de 2007, nas dependências do Ginásio Poliesportivo da Fundação Castelo Branco.

Em 2010, centenas de jovens pediram-me que organizasse um curso pré-vestibular de Português. Achei por bem escrever uma obra completa, ligada aos meandros da língua pátria, denominada "**Nossa Língua: Desafios Curiosidades e Armadilhas**", publicada em 14 de junho de 2010, também no já mencionado Ginásio Esportivo.



Vivências de
um caminhante
(2007)



Olney no lançamento
do livro sobre Colatina
na Biblioteca em 2021

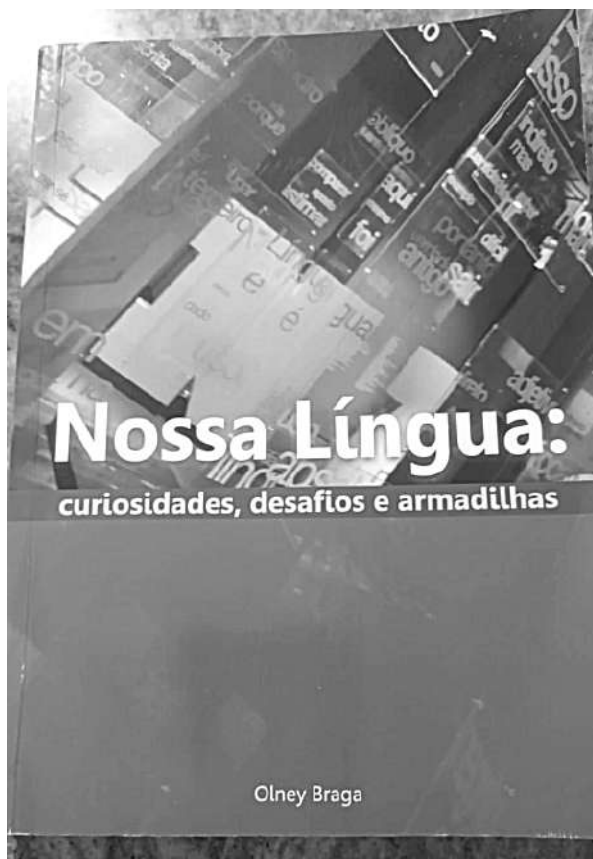
Em 2019, de tanto ver erros absurdos nas publicações de jornais e TVs, escrevi "Dicas de Português" livro lançado no auditório do Colégio Estadual Conde de Linhares, no dia 28 de agosto de 2019.

Em 2021, sendo eu um colatinense da gema, não poderia furtar-me à obrigação de homenagear a minha terra querida, no seu centenário. Produzi "Colatina:

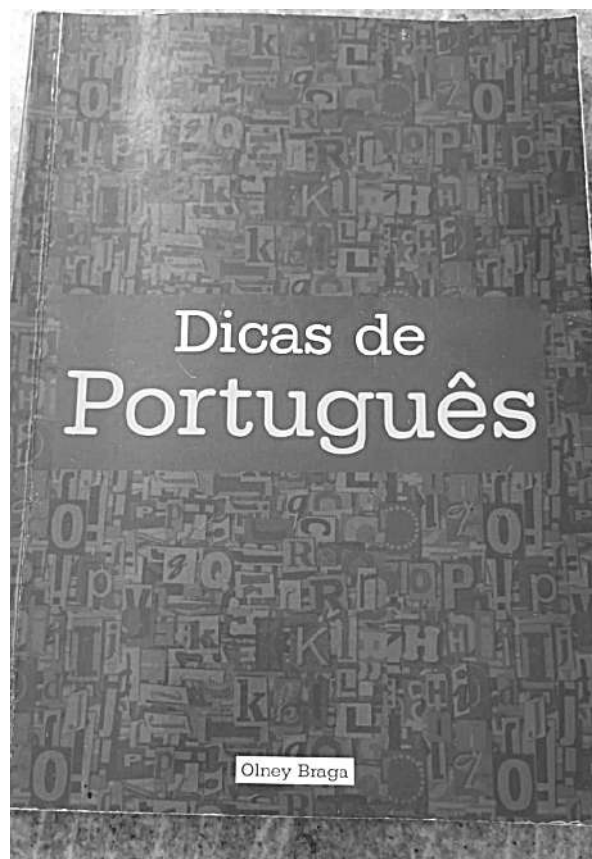
Ontem, Hoje e Sempre no meu Coração", lançado em 23 de agosto de 2021, na Biblioteca Municipal Professor Thelmo Motta Costa. Inseri, na obra, o único soneto por mim produzido até hoje, denominado "Colatina".

Sempre fui apaixonado por trocadilhos. Resolvi homenagear o introdutor do trocadilho no Brasil, escrevendo "Trocadilhos: uma homenagem a Emílio de Meneses", também lançado na mencionada Biblioteca, em 18 de maio de 2023.

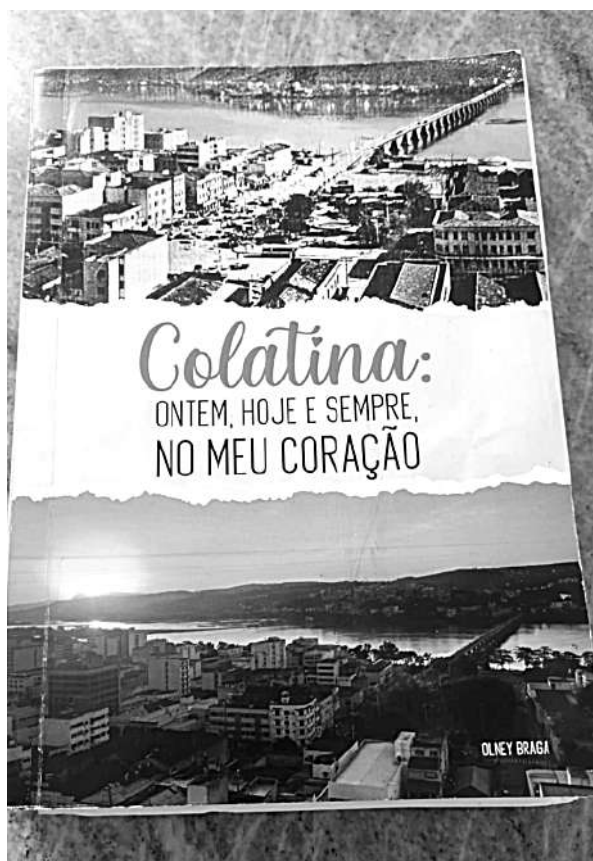
Tenho um outro trabalho pronto para ser impresso: "A Saga da Família Bernard", uma história real e comovente.



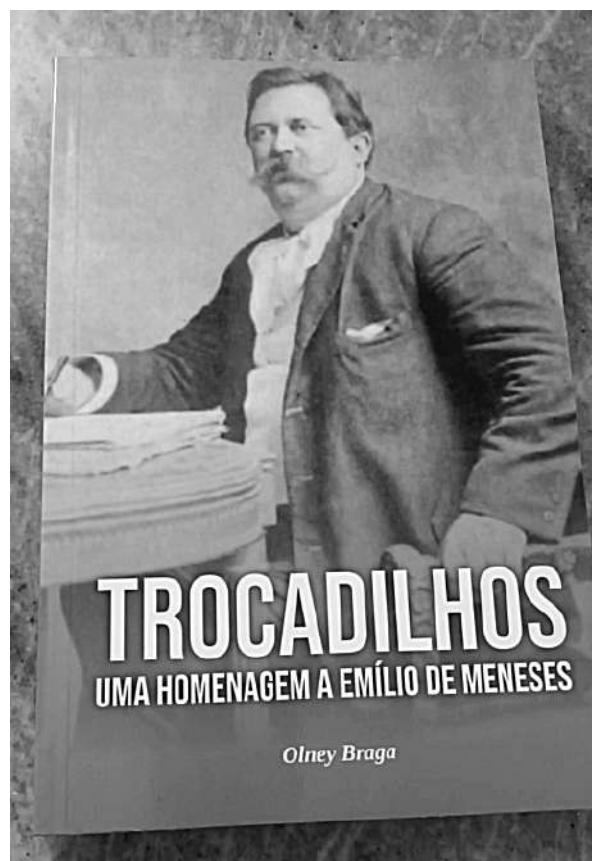
Nossa Língua: Desafios
Curiosidades e Armadilhas
(2010)



Dicas de Português
(2007)



Colatina: Ontem, Hoje e
Sempre no meu Coração
(2021)



Trocadilhos: uma homenagem
a Emílio de Meneses
(2023)

Como foi sua relação com os estudos?

Desde os meus primeiros dias de estudo, eu já tinha consciência de que o estudo representaria tudo na minha vida. Que, com ele, eu realizaria o sonho da minha família de ter uma vida melhor. E isso realmente aconteceu.

Cursei o Primário (4 anos), no Grupo Escolar Aristides Freire, de 1944 a 1947. Ingressei no Ginásio Conde de Linhares em 1948 e lá terminei o curso ginásial em 1951. Estava aí encerrada a parte referente ao Ensino Fundamental.

Prossegui, ainda no Conde, em 1952, já no Ensino Médio, até 1954. Fui o orador da minha turma, na entrega dos certificados.

Sentia-me muito incentivado por professores e colegas, que viam o esforço que eu fazia para dar conta do trabalho durante o dia e do estudo, à noite. Desde muito jovem passei a trabalhar no Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais, agência de Colatina.

Concluído o curso científico, como Colatina ainda não possuía faculdades, restou-me a única opção de cursar Direito na Faculdade Federal de Direito do Espírito Santo.

O curso não exigia frequência. O pessoal do interior estudava em casa e ia três vezes por ano prestar

exames na Faculdade. Os nossos empregadores eram bem compreensivos. Deixavam que nos afastássemos do serviço por alguns dias e não descontavam do salário.

Assim, cursei os cinco anos de Direito (de 1955 a 1959), com colação de grau no Teatro Carlos Gomes, em 03 de outubro de 1959, centenário de nascimento do grande jurista Clóvis Bevilácqua.

Antes do curso, um vestibular bem concorrido: eram 1.500 candidatos para 150 vagas. Consegui tirar de letra, sendo aprovado em décimo quarto lugar.

A minha sorte foi que as disciplinas cobradas no vestibular (prova escrita e prova oral) eram as minhas preferidas: Português, Francês ou Inglês e Latim. Tive excelentes professores dessas línguas, nos cursos do Conde.

Antes de continuar, devo acrescentar que, acostumado a estudar à noite, resolvi fazer o curso técnico de Contabilidade logo depois do Científico.

Programei fazer esse curso durante a semana e dedicar três horas do sábado e três do domingo, para o estudo das matérias do curso de Direito.

Assim, concluí o curso de Contabilidade em 18-12-1957. Também fui o orador da turma, escolhido pelos meus colegas. Na ocasião, eu já era funcionário do Banco do Brasil, aprovado em concurso de 04 de maio de 1957.

Passaram-se alguns anos e surgiram faculdades em Colatina (FAFIC e FACEC). Eu e minha saudosa esposa cursamos Inglês/Português (colação de grau em 17 de dezembro de 1975). Em seguida, fiz Francês e Literatura Francesa, com colação em 18 de dezembro de 1977.

Logo depois, cursei Administração (1979 a 1981).

Vieram, então, as pós-graduações. Em 1995, concluí especialização em Língua Portuguesa, num convênio FUNCAB/UFES. Em 2001, conclusão do Mestrado em Engenharia de Produção, num convênio FUNCAB/UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), por videoconferência.

Como e por que você se tornou professor?

O magistério sempre foi minha paixão. Desde os tempos de criança, tudo quanto aprendia na escola, eu ensinava às crianças mais novas que eu.

Em 1957, o colégio das freiras do Imaculado Coração de Maria convidou-me a lecionar inglês para as ginásianas. Fui indicado pelo meu ex-professor de inglês, o saudoso Élio Ceotto, à direção da escola. Esse colégio situava-se onde hoje funciona o Hospital São José. Passados poucos dias, a freira que lecionava francês licenciou-se, para tratamento de saúde, e não mais retornou.

Fiquei naquele belo educandário (Ginásio Divino Rei) de 1957 a 1962. Vi-me na contingência de sair, pois assumira cargo comissionado no BB e passei a trabalhar em tempo integral.

Quando me aposentei no Banco, em 1984, fui convidado a lecionar Contabilidade Básica na Escola Estadual Geraldo Vargas Nogueira, mais conhecida por Escola Polivalente de São Silvano, onde permaneci até 1999.



Prêmio Recall 2007, como professor do ensino privado. Da esquerda para a direita, a sogra Antônia, a esposa Lusiane, o filho Rafael, Olney, o filho Ricardo, a nora Najla e o marido dela, o filho Leonardo. O outro filho, Olney Braga Jr., estava viajando.



Recebimento do prêmio Recall, em agosto de 2008.

Também ingressei no quadro de professores da FAFIC e da FACEC, depois Faculdade Castelo Branco e, hoje, Centro Universitário Castelo Branco, em 1984, onde lecionei: Matemática Financeira, para o curso de Ciências Contábeis; Administração da Produção, para o curso de Administração; Leitura e Produção de Textos, para o curso de Direito; Língua Latina, para o curso de Letras.

Em 4 de julho de 2016, encerrei as minhas atividades de sala de aula, aos 79 anos de idade.

Você sempre foi um profissional atuante na área da Educação, e o colégio Conde de Linhares fez parte de sua vida, primeiro como aluno e posteriormente como professor. Conte-nos um pouco sobre esse educandário, tão importante na formação de tantos colatinenses.

O professor Aloísio Barros Leal, que aqui chegou em meados da década de 1930, foi o responsável por trazer professores extremamente competentes, razão da fama alcançada pela escola.

Tenho ótimas lembranças daquela época e não me esqueço dos grandes mestres que me ensinaram o suficiente para tornar-me, mais tarde, professor do próprio estabelecimento, na área de Letras.

depoimentos de ALUN@S DO OLNEY

Era inteligente e divertido, muito comunicativo, tinha a rara capacidade de reconhecer cada aluno pelo nome e sobrenome, isso em poucas aulas.

Jorge Conopca

Fotógrafo e membro da
Sociedade Fotográfica Colatinense (SOFOCO)

O professor Olney era engraçadíssimo, piadista, inteligente... Mas também era duro, lembro dele ficar meio bravo às vezes... mas não comigo, né? Eu sempre fui um Caxias... (risos) Mas com a galeira que não estava prestando atenção ele era duro. Eu adorava as aulas dele, porque era muito engraçado bicho, era muito divertido.

Sem demérito algum a tantos grandes mestres que passaram e passam pela minha vida, ele e o Caetano Bravin são os melhores professores que eu já tive disparado.

Renato Sabaini

Músico, Fotógrafo e Produtor Audiovisual

Tive aulas de português com o professor Olney, e o cara é um gênio. Também era rigoroso e bem-humorado, ao mesmo tempo. Valorizava o bom aluno e puxava a orelha dos maus, como tem que ser (A turma do cursinho era capeta puro! risos).

Leônidas Fachetti

Técnico Judiciário, Escritor e Editor

Autor de "Hell Roça", "Stake Bros",
"Um bom e velho lobo", entre outros

Ah, era o professor boa praça. Todo mundo gostava dele e das aulas dele. Sempre muito simpático e de bom humor. Acho que meio mundo aqui em Colatina foi aluno dele.

O Olney foi muito importante na minha vida estudantil e até profissional. Quando aluno, ele percebeu que eu tinha facilidade com a língua inglesa e, apesar de todas as dificuldades, comecei a estudar numa escola particular. Fez toda diferença pra mim. Sou muito grato ao Olney.

José Odenir Dalmaschio

Integrante do Grupo Voci d'Oro

Compositor de canções em italiano e português

Palestrante sobre arte renascentista

Foi por anos colaborador de palavras cruzadas e charadas para revistas de cunho nacional

"Engraçado, carismático e de uma inteligência ímpar!"

Cinthia Mara Cecato da Silva
Professora, doutora em Letras pela Ufes

Ele era muito detalhista e atencioso.
Uma memória ímpar. Conhecía o sobrenome,
os pais e descendência de cada aluno.
Aproximava-se sempre de alguém,
passava a mão na cabeça e fazia um elogio.

Augusto Bermond
Médico psiquiatra
Pós-graduado em Filosofia e Neurologia
Autor de "Primeiros Contos", "Segundos Contos",
"Agente 45" e de contos publicados em antologias

Ele era dinâmico, despojado e insistia para que
o aluno buscasse o crescimento criando as suas
próprias armas. Não admitia aluno acomodado.

Suely Selvátici Zanotelli
Professora de Língua Portuguesa
e Literatura Brasileira, com especialização
em Língua Portuguesa e Planejamento Educacional
pela Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO

O professor Olney era maravilhoso,
uma gracinha, todo mundo amava as aulas dele,
ele tinha um jeito muito especial de ensinar.

Não era uma metodologia cansativa, não, ele
usava as gracinhas dele, rimas e trocadilhos...

Sempre ensinava de uma forma muito legal,
muito divertida e era uma pessoa que tinha
o carinho de todo mundo.

Quando ele foi meu professor pela primeira vez
acho que eu era adolescente, e pela segunda vez
foi na faculdade. Na primeira vez todo mundo
chamava ele de Mestre dos Magos porque ele era
igualzinho ao mestre dos magos do desenho
Caverna do Dragão (risos).

Quando estudei com ele na faculdade, ele conti-
nuou sempre uma gracinha. Sempre daquele jeito,
muito carismático, muito inteligente.

Sabia muito o que estava ensinando e tinha
um jeito especial de ensinar.

Loressa Pagani Campostrini Pretti

Secretária de Cultura e Turismo de Colatina (ES)

Professora, e Escritora de Literatura Infantil

entrevista com OLNEY BRAGA

- Continuação da entrevista -

Eu queria saber o que para você, Olney, seria o arquétipo de uma pessoa encantadora, independente de idade, sexo ou qualquer outra condição.

As criaturas simples e de bom caráter são exemplos de pessoas encantadoras.

Olney, o século XXI já está fechando seu primeiro quarto. Como você vê o mundo e as relações entre as pessoas daqui para frente, considerando as mudanças tecnológicas, com novidades apresentadas de forma acelerada como tem ocorrido?

Tudo isso é sinal de progresso, que só facilitará as relações interpessoais, à proporção que as novidades surjam tão aceleradamente.

E o livro, Olney, vai acabar? As bibliotecas vão desaparecer? Qual a sua percepção sobre isso?

Enquanto houver leitores, haverá escritores, que sempre estarão dispostos a nos transmitir seus conhecimentos, independentemente dos avanços tecnológicos. Por mais robustos que sejam esses avanços, jamais isso interferirá na existência desse salutar local de encontro entre as pessoas amantes da boa leitura.

Os cinemas colatinenses também deixaram seus nomes gravados em seu livro sobre a cidade.

Como era, Olney, a relação sua e daqueles jovens de meados do século XX, com o cinema?

Queremos saber sua visão sobre essa forma de entretenimento, que mudou tanto com o avanço da tecnologia.

Os principais cinemas da cidade eram o Alhambra (hoje Cine Gama) e o Idelmar (onde hoje funciona o supermercado Extrabom). Viviam lotados. Costumava ir assistir aos filmes acompanhado por alunos, que se tornaram amigos de vida inteira. Com a chegada da TV e, posteriormente, do computador, do celular e internet, o único sobrevivente nem de longe lembra o sucesso daqueles tempos áureos.

Há algumas páginas de curiosidades em sua obra "Colatina: Ontem, hoje e sempre, no meu coração".

Pode nos explicar mais detalhadamente duas dessas curiosidades, a da presença do compositor Noel Rosa em Colatina e a história do Sr. Onilson Páttero, deixado em Baunilha por um disco voador?

Noel veio a Colatina em 1934, acompanhado pelo amigo e pianista Cláudio Mesquita. Frequentador assíduo de casas de prostituição, aqui não foi diferente. Numa dessas casas, acabou por se apaixonar por uma mulher e esticou sua estada na cidade.

Seu amigo voltou para o Rio, tendo comunicado à mãe de Noel da decisão do artista de ficar por mais uns dias em Colatina. No mesmo dia, a mãe veio buscá-lo.

Talvez fosse interessante falar um pouco sobre Noel Rosa. Trata-se de um dos mais importantes compositores brasileiros. Suas composições ficaram eternizadas na voz da falecida cantora Aracy de Almeida. As mais conhecidas são: Conversa de Botequim, Último Desejo, Feitiço da Vila, Com que Roupa, Fita Amarela e Feitio de Oração.

Noel nasceu no Rio de Janeiro, em 1910, no Bairro de Vila Isabel, e lá faleceu, em 1937, de tuberculose.

Quanto ao Sr. Onilson, a história dele foi verdadeira, segundo me afirmou o Sérgio Menelli, filho do dono do imóvel no Córrego Catuá, em Baunilha, onde uma nave espacial o teria deixado. O Sr. Onilson, hoje já falecido, era natural de Catanduva-SP. Foi examinado pelo médico Dr. Aldo de Almeida Vieira de Machado, que o considerou uma pessoa normal.

Já me falaram que você apreciava cantar,
e que cantava em eventos da faculdade.
Pode falar sobre isso e sobre os cantores
que foram importantes na sua história?

Desde criança, sempre gostei de cantar, mas jamais cantei em eventos da faculdade. No curso primário, as professoras, nos dias festivos, punham-me sobre uma mesa, para cantar os sucessos da época. Uma das minhas canções preferidas era TERRA VIRGEM, do tenor e compositor Vicente Celestino, com uma letra voltada para as belezas e o engrandecimento da Pátria.

Por volta de 1954, aos 17 anos, fiz um teste na Rádio Difusora de Colatina, tendo me saído airoso, cantando o bolero ANGELLITOS NEGROS. Tanto que, naquele mesmo dia, assinei contrato com a emissora.

Ganharia 400 cruzeiros por mês, para cantar quatro vezes durante o mês. No Bancomércio, onde já trabalhava por mais de três anos, ganhava 600 cruzeiros.

Sou fã de inúmeros cantores e cantoras, tanto nacionais como internacionais, acompanhei-os pela vida inteira: Francisco Alves, Orlando Silva, Nelson Gonçalves, Altemar Dutra e Emílio Santiago são alguns deles, todos já falecidos.

E as cantoras Elis Regina, Dalva de Oliveira, Ângela Maria e Claudete Soares.

Na área internacional, Johnny Mattis, Frank Sinatra, Pat Boone, Tonny Benett, Lucho Gatica, Earl Grantt, Louis Armstrong e Nat King Cole.

Compositores brasileiros famosos: Pixinguinha, Ary Barroso, Noel Rosa, Cláudio Mesquita, Nelson Gonçalves, João Bosco, Toquinho, Chico Buarque, Caetano Veloso, Vinícius de Moraes, Vicente Celestino e tantos outros.

Em 1967, ganhei uma bolsa do Rotary Internacional, para não-rotarianos, com curso superior. Passei três meses em Los Angeles. Nas reuniões rotárias, lá, descobriram que havia um cantor e um pianista no grupo. Por isso, fomos anunciados eu e o meu saudoso amigo Márcio Brazil Lens César, que atuávamos em todas as reuniões.

Olney, por suas declarações e escritos, é flagrante sua relação de afeto com o bairro Santa Cecília.

Como é esse amor? Como ele se criou e como se manteve ao longo de sua vida?

Nasci no bairro Santa Cecília e, de lá, jamais me afastei.

Lá me desenvolvi, e, mesmo depois de casado, lá permaneci, pois adquiri uma casa no bairro e prossegui morando ao lado dos meus parentes e dos meus amigos. Santa Cecília, por isso, sempre morou no meu coração.

Quando nasci, era um bairro de poucos habitantes, mas, como era central, perto do comércio, dos cinemas, de tudo, as pessoas começaram a chegar de montão. Seu nome é devido a Dona Cecília Pretti, a primeira moradora, que era devota de Santa Cecília.

Conte-nos sobre a importância de sua irmã para sua formação como pessoa e como intelectual.

Sem dúvida, minha irmã Oranydes (já falecida), 8 anos mais velha que eu, teve importância fundamental na minha formação.

Quando concluí o curso primário, aos 10 anos, a continuação dos meus estudos dependeria de gastos. Pois bem, a minha irmã era exímia datilógrafa, funcionária do Banco de Comércio e Indústria de Minas Gerais. Prontificou-se a lecionar Mecanografia na Escola Técnica de Comércio, mantida pelo "Conde", em troca de pagamentos dos meus estudos no curso ginasial (5ª à 8ª série do ensino fundamental) daquele estabelecimento de ensino.

Minha irmã Oranydes foi uma das salvadoras da família. Pequena ainda, vendia geleia de mocotó que minha mãe fazia, indo de casa em casa. As pessoas, bem solidárias com a situação da família, sempre davam toda atenção a ela.

Minha mãe (Dona Izolina ou Dona Filhinha) era caprichosa nos seus bordados, conseguindo mais e mais clientes, principalmente após o falecimento do meu pai e graças à generosidade das pessoas.

Oranydes foi meu tudo. Faleceu tragicamente num acidente automobilístico, em 1º de agosto de 1994, tendo deixado marido, 3 filhos e 6 netos.



Oranydes e Olney, no dia
do casamento de Olney

Você já contou, em seus livros, sobre a perda trágica de seu pai quando tinha apenas 5 meses de vida.

Poderia atualizar esse evento para nossos leitores?

Meu pai era contador formado pelo Instituto Contábil de Juiz de Fora, Minas Gerais, em 1925.

O Dr. Justiniano de Mello e Silva Neto, médico e prefeito de Colatina, cujo mandato terminaria em 31 de dezembro de 1937, convidou meu pai para ser tesoureiro da prefeitura, logo no início do mandato, em 1934. Ocorre que o prefeito se viu na contingência de afastar-se do cargo, uma vez que o Estado havia desmembrado Baixo Guandu, que pertencia a Colatina, tornando-o município, o que provocou insatisfação por parte do chefe do executivo.

Diga-se, de passagem, o Dr. Justiniano havia clinicado em Ipanema, Minas Gerais, cidade próxima a Mutum-MG, terra do meu pai. Lá em Ipanema, o fato de o meu pai haver se formado no Instituto de Juiz de Fora repercutiu muito favoravelmente, uma vez que aquilo era coisa rara de acontecer. E isso aconteceu graças a um tio meu, João Costa, cunhado do Braguinha, fazendeiro e bem de vida, que comunicou à tia Rosa o desejo de fazer do Juquita (apelido de família do meu pai) um contador formado em Juiz de Fora.

Com a saída do Dr. Justiniano, o governador nomeou prefeito substituto o Sr. Antônio Pinto, conhecido como Coronel Pinto. No último ano de mandato, o Coronel Pinto teve que fazer uma viagem e pediu ao meu pai que cortasse água e luz de todos os inadimplentes, e que mandasse dois avisos para cada.

Um genro do Coronel, de nome Agilberto Pires, foi à prefeitura e falou ao meu pai que, se ele mandasse cortar a água e luz de um seu amigo, o próximo encontro entre eles (meu pai e Agilberto) seria decisivo.

Sabedor de que Agilberto era tido como valentão, meu pai confidenciou isso a um amigo (José Alves de Souza). A providência do amigo foi emprestar uma arma para meu pai.

No dia 5 de junho de 1937, após o almoço, meu pai fez a rotineira ida para a estação ferroviária, onde esperaria o trem de passageiros da Vitória-Minas, para comprar jornal.

Encostou-se a um poste para ler o jornal A GAZETA, quando, de repente, aparece alguém que tira o jornal de suas mãos, esbofeteando-o no rosto. Era Agilberto.

Meu pai afastou-se, sacou o revólver e disparou um único tiro, atingindo em cheio o abdômen de Agilberto, que caiu.

Imediatamente, o Braguinha, como era conhecido meu pai, entrou num cartório próximo à estação. Quando ele saiu do cartório, escoltado por dois policiais, recebe uma saraivada de tiros do Dr. Adolfo Mafra, concunhado de Agilberto. Em seguida, o sargento Matias descarrega o seu revólver no Dr. Mafra.

Uma tragédia, três mortes, três viúvas e quatro órfãos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Olney pela sua simpatia de sempre, pela gentileza e disposição de responder nossas perguntas e por nos enviar fotografias que habitam seus álbuns familiares e porta retratos de sua casa.

Agradecemos tod@s que carinhosamente deram depoimentos sobre este professor e amigo querido.

Agradecemos o fotógrafo Jorge Conopca pelo retrato de Olney que está em primeiro plano na capa desta obra.

Agradecemos tod@s @s pessoas que apoiam a editora Tropicalversos pelo apoia.se/tropicalzin ou como mecenas, e contribuem pra longa vida dos trabalhos.

Agradecemos aos membros da ALARC - Academia de Letras e Artes de Colatina (ES), aos colaboradores da Biblioteca Municipal de Colatina (ES) e da Secretaria de Cultura e Turismo de Colatina (ES) por criarem pontos e momentos de encontro e conexão entre @s artistas da cidade onde vivemos.

Um grande abraço!

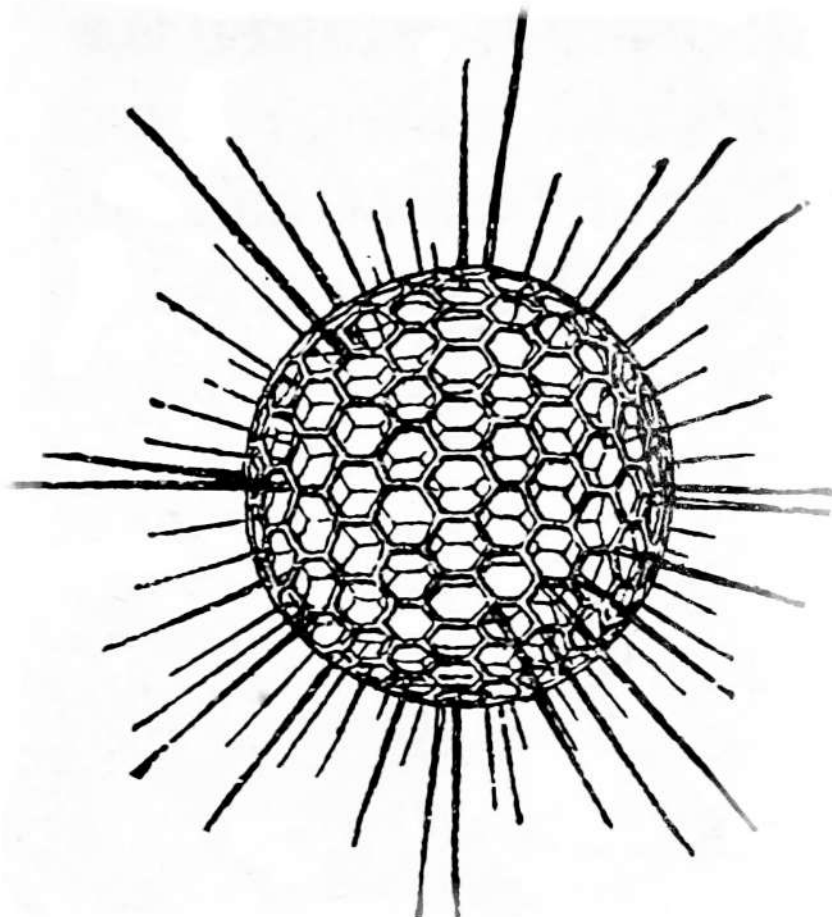
O querido Olney :)

De fala carinhosa e divertida,
Olney Braga é histórico em Colatina.
Foi professor de meninos e meninas
e também de jovens, adultos,
na sala e na vida...

Fez livros sobre a língua
e também sobre Colatina,
e depois desses citados
teve um de Trocadilhos!

Ele entende as regras
e as brincadeiras,
é um professor de várias cadeiras
e também dança nas rimas das línguas
encontrando risadas
jogando com palavras...

- Zíão Clarice Dionísio



Leia outras obras da editora em
tropicalversos.com

Se gostou da leitura você pode
apoiar o projeto pelo pix abaixo



Pix:

poetaziao@gmail.com



Olney Braga em seu casamento com Lusiane
no dia 26 de fevereiro de 1972

Nascido em Colatina (ES),
Olney Braga foi professor de português,
inglês, francês, contabilidade...

Trabalhou como bancário
e até como cantor de rádio.

Uma pessoa marcante na história
dos alunos, dos amigos e da cidade.

É autor de cinco livros.